

PATRÍCIO, ANTÓNIO

(Porto, 1878 – Macau, 1930)

Deve-se ao poeta de *Oceano* e ao contista de *Serão Inquieto* o mais importante (e consequente) contributo para a dramaturgia simbolista entre nós, de cuja estética reteve a essência sem se deixar enleiar nos seus ornatos exteriores, ainda que por vezes a linguagem sacrifique ao gosto decadente da época. Mas, embora sejam evidentes as aproximações com os grandes nomes do simbolismo – a concepção do «drama estático» de Maeterlinck, o preciosismo verbal de D'Annunzio, a carga poética de Yeats – há no teatro de Patrício uma ressonância humana a que a presença, latente ou manifesta, mas sempre obsidiante, da morte confere uma verdadeira dimensão trágica. Enquanto vivo, nenhuma das cinco peças que publicou – *O Fim*,* «história dramática» em 2 quadros (1909), *Pedro o Cru*, «tragédia da saudade» em 4 actos (1918), *Dinis e Isabel*, «conto de Primavera» em 5 actos (1919), *D. João e a Máscara*,* «fábula trágica» em 3 actos e o acto único *Judas* (1924) – foi representada, só vindo a vê-lo algumas cenas do 1º acto de *Dinis e Isabel* em 1931, no Teatro Nacional, e, quarenta anos depois, *O Fim* na Casa da Comédia, além de uma apresentação de *Pedro o Cru* na TV em 1974 e no Teatro Nacional em 1982. Deixou incompletas várias peças, entre as quais *O Rei de Sempre*, «tragédia nossa», de temática sebastianista, *Afonso Domingues*, drama histórico baseado na narrativa de Alexandre Herculano, *Teodora de Bisâncio* e um *Auto dos Reis ou da Estrela*.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 108.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.